

A LUTA ARMADA REVOLUCIONÁRIA EM PORTUGAL: UMA HISTÓRIA AO LUAR

Duarte Carrasquinho

Membro associado ao Observatório Político

Resumo

Entre 1923 e 1974, Portugal viveu numa ditadura, num primeiro período como ditadura militar e, a partir de 1933, com a designação de Estado Novo. Durante este período de tempo, muitas organizações políticas lutaram na clandestinidade contra o regime vigente, destacando-se o Partido Comunista Português, fundado em 1921. Em 1967 nasce a Liga de Unidade e Ação Revolucionária (LUAR). De características ímpares, comparativamente às organizações criadas até então, a LUAR executou ações revolucionárias singulares de um imaginário quase cinematográfico. É esta a história que nos comprometemos contar.

Palavras-Chave:

Estado Novo, Ações Armadas Revolucionárias, Liga de Unidade e Ação Revolucionária, Hermínio de Palma Inácio, Camilo Mortágua, Liberdade

Introdução

Na obra de Luís de Sttau Monteiro “Felizmente há Luar!”, a existência do luar na noite da execução de Gomes Freire de Andrade, principal personagem do enredo, tem duas interpretações possíveis. A primeira, na visão dos carrascos, é a de que felizmente havia Luar durante aquela noite, possibilitando ao povo assistir durante mais tempo às execuções. O Luar detém aqui uma simbologia de premissa da ação coerciva que os absolutistas desejavam imprimir naqueles que assistiam, de modo a desencorajar uma possível rebelião. Porém, aos olhos de Matilde, esposa

de Gomes Freire de Andrade, o Luar representa a possibilidade de o povo ver as injustiças cometidas, de modo a que estas não mais aconteçam, despertando o desejo de se rebelarem contra as mesmas.

Mesmo sem saber se a obra de 1961 serviu de inspiração para o nome “LUAR”, podemos ter a certeza que Camilo Mortágua, Hermínio de Palma Inácio e os restantes homens e mulheres que fizeram parte desta organização possuíam os mesmos olhos que Matilde tinha na noite em que Gomes Freire de Andrade morreu. A luz da LUAR rompeu na escuridão daquilo que era o regime fascista português, emanando, através das suas ações armadas, o caminho para aquilo que seria no dia 25 de Abril de 1974, o fim das trevas: “*Mesmo na noite mais triste/ Em tempo de servidão/ Há sempre alguém que resiste/ Há sempre alguém que diz não*”¹, e disseram.

No que toca ao combate ao regime vigente na altura, os acontecimentos anteriores ao 25 de Abril encontram-se bastante esquecidos entre as gerações portuguesas atuais. Tal fica a dever-se a uma perda da memória colectiva tanto pela mudança geracional, como pela mitigação destas ações em detrimento de outras questões históricas, o que, na nossa opinião, é condenável. Este Working Paper tem como ponto de partida informar o leitor sobre a luta armada revolucionária feita pela LUAR e de que forma esta se destacava das demais. Deste modo, iremos responder a questões relacionadas com o capital humano e o capital financeiro da LUAR para conseguir efetuar as suas operações, a forma como eram decididos os seus alvos, como era feita a preparação para as essas mesmas operações e ainda como a Organização utilizou as verbas que foi acumulando ao longo dos anos, principalmente com o assalto que efetuaram ao Banco de Portugal. Comprometemo-nos a relatar como a LUAR foi criada, como se organizava, quem eram os seus atores principais, que tipo de ideologia seguiam e como era feito o recrutamento de operacionais para a integrar².

A Luta Armada Revolucionária

Antes de desenvolver a temática, vimos como necessário fazer um paralelismo entre as organizações revolucionárias da altura (década de 60) e as organizações terroristas de hoje, de modo a dar uma visão mais precisa daquilo que é abordado.

¹ ALEGRE, Manuel (2014), *País de Abril*. Lisboa. Editora D. Quichote.P23

² É essencial antes de desenvolver mais este trabalho anunciar que este só foi possível de realizar graças à ajuda dada por parte de Camilo Mortágua, através do diálogo e sugestão bibliográfica, preciosos e indispensáveis na sua execução

As organizações terroristas são hoje um tema recorrente. Quando falamos de organizações terroristas, o senso comum leva-nos muito rapidamente ao extremismo islâmico. Porém, as organizações terroristas vão mais além desta concepção, partindo do ponto de vista do sistema que a Organização pretende alterar e transformar, na expectativa de a moldar com base nos valores e pressupostos defendidos.

As Organizações Armadas Revolucionárias opunham-se à limitação de liberdades políticas, sociais e culturais características da política do Estado Novo. A situação a que o regime obrigava, de certa forma, os portugueses a viver, era, aos olhos das pessoas que enquadraram as fileiras das organizações armadas revolucionárias, condenável e de urgente alteração. Em *O Terrorismo Político*, Paul Wilkinson, distingue quatro tipos de terrorismo. A LUAR, pode encaixar-se numa destas classificações já que “compreende o terrorismo revolucionário, o terrorismo sub-revolucionário e o terrorismo repressivo ou de Estado (normalmente totalitário)”.³

Podemos afirmar então que as organizações que compunham a luta armada revolucionária em Portugal antes do 25 de Abril, aos olhos do Estado Português eram organizações terroristas. A luta armada revolucionária foi uma pedra no sapato para o regime fascista português e teve como base a realização de ações que tinham como propósito atingir o *status quo* vigente. Esta cultura oposicionista é um dos fatores principais quando falamos da oposição existente durante 48 anos de ditadura. Várias organizações foram criadas em Portugal com este intuito. Na sua maioria, não eram mais do que prolongamentos de organizações políticas, como a Frente de Ação Popular (FAP), pertencendo ao Partido Comunista Português (PCP), pressupondo assim que todo o financiamento e estruturação tinha uma *organização-mãe* que permitia uma maior facilidade da ação.

De todas estas organizações, aquela que não tinha uma estrutura política ou ideológica a suportar a sua fundação e existência foi a Liga de Unidade e Ação Revolucionária (LUAR). A nosso ver, a LUAR era a organização revolucionária portuguesa, no sentido de ter sido aquela que ficou para a História com os seus atos mais marcantes e com os resultados mais profundos. A LUAR também se destaca das restantes por ser uma organização independente, não sendo dependente do apoio de potências externas como os Estados Unidos ou a União Soviética, fator que veio a ser determinante para o seu percurso.

³ In LARA, António de Sousa (2011), *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*. Lisboa: ISCSP. p. 430.

Enquadramento histórico

Os Protagonistas

Hermínio de Palma Inácio:

Hermínio de Palma Inácio nasceu a 29 de janeiro de 1922 em Ferragudo, Algarve. Estudou na Escola Industrial de Silves, alistando-se de seguida na Força Aérea, onde chegou a ser nomeado sargento.

Em 1947, fez a sua primeira ação contra o regime, fugindo para os Estados Unidos da América, contando com o apoio da família Kennedy⁴ para não ser deportado. Deslocou-se posteriormente para o Brasil, onde contactou o General Humberto Delgado, na expectativa de criar um movimento contra a ditadura. Executou então a *Operação Vagô* e, depois do êxito da mesma, deslocou-se para França, onde criou a LUAR. Ao longo da sua participação na LUAR, foi preso inúmeras vezes, a última vez em 1973, tendo sido libertado no dia 26 de abril de 1974.

Em 2006 recebeu a Ordem da Liberdade atribuída pelo presidente Jorge Sampaio⁵. Palma Inácio morreu em 2009 em Lisboa, num lar na Picheleira pago por amigos. É considerado na História Portuguesa um dos *últimos revolucionários românticos portugueses*⁶ sendo mesmo referido por Natália Correia⁷ que Palma Inácio foi o “último grande herói romântico”.

Camilo Mortágua:

Nasceu no dia 29 de janeiro de 1934, no concelho de Oliveira de Azeméis. Ainda jovem partiu para Lisboa e em maio de 1951, para a Venezuela. Aí criou um programa de rádio onde começou a transmitir música e informação desportiva portuguesa, bem como mensagens contra o Estado Novo. Associou-se à Junta Patriótica Portuguesa da Venezuela participando no assalto ao Pacote Santa Maria, a 23 de janeiro de 1961, considerado o primeiro sequestro político de um transatlântico na história contemporânea.

⁴ Cf. Depoimento de Camilo Mortágua.

⁵ A Ordem da Liberdade destina-se a distinguir serviços relevantes prestados em defesa dos valores da Civilização, em prol da dignificação da Pessoa Humana e à causa da Liberdade.

⁶ Consideramos que um revolucionário romântico é aquele que fazendo ações revolucionárias, tem sempre a perspetiva de que aquilo que está a fazer levará a um fim feliz e edífico, tendo sempre como base da sua ação, um conjunto de normas e valores que respeitam sempre a vida de todas as pessoas que estão envolvidas no ato revolucionário.

⁷ Poetisa e ativista portuguesa que viveu entre 1923 e 1993

Depois de entregar o pacote, Camilo ficou radicado no Brasil, dedicando-se à preparação do ato revolucionário seguinte: a *Operação Vagô*. Depois de do sucesso da operação, toda a conjuntura e o conhecimento adquirido até então, fizeram com que acabasse por criar a LUAR.

Após o 25 de abril, na altura do PREC, Camilo liderou a tomada de algumas propriedades no Ribatejo com os agricultores locais com o intuito de melhorar a qualidade de vida da população. Em 2006 recebeu a Ordem da Liberdade, atribuída pelo presidente Jorge Sampaio.

Emídio Guerreiro:

Nasceu no dia 6 de setembro de 1889 em Guimarães. Graças às fortes influências republicanas que vinham da sua família, alistou-se no exército para ir combater por Portugal na Primeira Guerra Mundial. Porém, acabou por não ser enviado para a frente de batalha, seguindo os seus estudos em Matemática na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Em 1932, foi preso devido a um manifesto que escreveu contra Óscar Carmona, à altura Presidente da República. Foi enviado para o Aljube de onde conseguiu, mais tarde, evadir-se iniciando um exílio que duraria mais de 40 anos e que fez com que só voltasse a Portugal depois do 25 de abril. Nessa altura, aderiu ao Partido Popular Democrático (PPD), atual Partido Social Democrático (PSD). No decorrer do Plano Revolucionário em Curso (PREC), e apenas um ano depois de se filiar, assumiu o cargo de Secretário Geral do Partido. No ano seguinte, devido a divergências políticas com Sá Carneiro⁸, acabou por sair do PPD e desligar-se da vida pública.

Em 1980 foi condecorado pelo Presidente da República Ramalho Eanes com a Ordem da Liberdade e em 1999, por altura do seu centenário, recebeu a Grã-Cruz da Liberdade do Presidente da República Jorge Sampaio.

António Barracosa:

Nasceu em 1942 em Faro, tendo logo na sua juventude entrado em contacto com pessoas que se mostravam contra o regime vigente, chegando a organizar manifestações, protestos e distribuição de panfletos. Barracosa foi mobilizado para o serviço militar, mas desertou do exército, fugindo para França onde tentou manter alguns contactos com a oposição portuguesa aí estabelecida: entre eles Camilo Mortágua.

⁸ Fundador e líder histórico do PPD/PSD, viveu entre 1934 e 1980.

Barracosa ingressou nos quadros principais da LUAR. Em 1969 foi preso na Bélgica. Depois de liberto, deslocou-se para Argel, quando começou a distanciar-se dos restantes companheiros. Após o 25 de abril regressou a Portugal, onde se formou em Direito.

Luís Benvindo:

Nasceu em 1943 em Faro, pertencendo ao mesmo núcleo de amigos de António Barracosa e tendo as mesmas vivências na juventude que este. Acabou por emigrar para França onde se encontraram e começou a pertencer ao mesmo núcleo de contactos. Ficou muito ligado a Palma Inácio. Até 1970, era o único que tinha participado em todas as ações da LUAR.

O Nascimento da LUAR

Nas palavras de Camilo Mortágua: “A História nunca pode ser aquilo que conta uma pessoa. A História é sempre resultado do confronto de diferentes opiniões. Se não há contraditório a história é pouco fiável”⁹.

O ato fundador da LUAR é ainda hoje controverso, considerando os pontos de vista dos vários atores principais da organização. Com a informação que obtivemos, quer em livros, sites e entrevistas que fizemos, iremos tentar reflectir sobre a história do nascimento da LUAR e o que podemos considerar como o seu ato fundador.

O nascimento da Liga de Unidade e Ação Revolucionária e o seu nome tiveram como principal responsável Emídio Guerreiro. A LUAR surgiu a 19 de julho de 1967 em Paris, na ocasião de uma entrevista de Emídio Guerreiro ao *Le Monde* na que dizia que o assalto que tinha acontecido dois dias antes em Portugal, na Figueira da Foz, tinha sido realizado por uma Organização que dava pelo nome de LUAR, e tendo na sua pessoa o presidente. O assalto tinha tido única e exclusivamente intenções políticas, uma vez que tinha sido realizado para financiar posteriores ações de oposição ao regime ditatorial português. A entrevista de Emídio Guerreiro pode ser considerada o ato fundador da LUAR, decorrente da *Operação Mondego*¹⁰ pela reivindicação do mesmo de forma pública.

É de realçar que os operacionais que fizeram o assalto ao Banco de Portugal nunca tinham ouvido falar sobre a LUAR e só tiveram conhecimento da organização em plena operação, durante a fuga ou já

⁹ Cf. Depoimento de Camilo Mortágua

¹⁰ Nome de código dado ao assalto feito ao Banco de Portugal na Figueira da Foz.

depois de passar a pé a fronteira para Espanha quando se depararam com a entrevista de Emídio Guerreiro reivindicando o assalto como um ato da LUAR. Ao chegarem a Paris decidiram manter este nome, embora Camilo Mortágua e Palma Inácio terem apresentado uma outra sugestão: ARD (Ação Revolucionária Democrática).

Estrutura, Recrutamento e Instrução na LUAR

Depois de aceitar o nome escolhido por Emídio Guerreiro viram a necessidade de criar uma estrutura política que permitiria não só uma maior organização à LUAR, no que toca a ações futuras, como também maior legitimidade política à *Operação Mondego*. Foi assim criado um Conselho Superior que seria responsável por todas as decisões de cariz político, relações internacionais, de aprovação de projetos, e de outras ações militares a realizar. Subordinado ao Conselho Superior, existiria uma Comissão Financeira e um Comité Militar. Emídio Guerreiro seria o presidente do Conselho Superior e Palma Inácio ficaria a chefiar o Comité Militar, estando depois ambos representados na Comissão Financeira.

Seguidamente, os dois procuraram fortalecer as estruturas da LUAR. Emídio Guerreiro movimentou-se no antigo núcleo do MAR (Movimento de Ação Revolucionária) que naquele momento estavam a viver em Paris, como Hélder Veiga Pires, José Augusto Seabra, Fernando Echevarria, António José Saraiva, José Hipólito dos Santos e Zulmiro de Almeida. Por sua vez, Palma Inácio integrou na LUAR os seus antigos companheiros, indicando para o Conselho Superior Camilo Mortágua e António Barracosa, e reforçando o Comité Militar, com os nomes dos dois homens referidos anteriormente e ainda Luís Benvindo e Júlio Alves.

Daqui para a frente, a LUAR teve métodos de recrutamento pouco ortodoxos e técnicos, baseados em relações pessoais, despojadas de garantias de segurança e com o critério único de os indivíduos estarem dispostos à ação armada. O facto de não existirem padrões de recrutamento fez com que a PIDE conseguisse, por inúmeras vezes, entrar dentro da organização e obtivesse informações relevantes acerca dos seus operacionais e das ações que estavam a ser preparadas e, como Camilo Mortágua refere na entrevista, “acabavam por todos duvidarem de todos”, vantagem clara para a PIDE, já que fazia com que existissem confrontos internos dentro da organização.

Desta forma, passado pouco tempo, Camilo Mortágua dirigiu-se a Lausanne, na Suíça, onde estava um grande núcleo de opositores ao regime, e a Louvain na Bélgica, onde existia uma grande comunidade pró-

católica portuguesa, na tentativa de fazer com estes se juntassem à causa. Todos disseram, e Mortágua refere-o bem na entrevista, que “Nós estamos com vocês”, dando a ideia que estavam prontos a governar Portugal, caso a ditadura caísse, demonstrando assim que as pessoas que apoiavam a LUAR apesar de virem de vários espaços políticos, tinham todos um objetivo em comum.

Camilo Mortágua diz que uma das orientações que estavam na base do grupo fundador que originou a LUAR (decidida ainda quando estavam no Brasil, antes de se dirigirem para Paris) era trabalhar com pessoas para criar uma organização proveniente do operariado português em França, que trabalhassem nos setores da construção civil, da indústria metalomecânica, etc., e que nunca iriam recrutar portugueses que viessem do Quartier Latin¹¹, pois, na sua opinião, tinham vivido uma vida bastante confortável, não estavam habituadas a fazer determinados sacrifícios e acreditavam que a possibilidade de aparecer alguém infiltrado pela PIDE era muito maior dentro desses núcleos¹². Desta forma, Camilo pensou em fazer alguma coisa para conseguir controlar o recrutamento das pessoas e acabou por fazer duas grandes ações de recrutamento e de instrução.

Assim, em abril de 1968 foi organizado um “estágio” em Rochefort, no Sul da Bélgica, de forma a preparar alguns jovens estudantes acabados de recrutar para atividades de estudo e observação. Este “estágio” foi dirigido por Camilo Mortágua, sendo que as matérias abordadas foram “questões de ordem política sobre a LUAR (programa, estratégia geral e história), questões de recrutamento e de organização interna, trabalho conspirativo em atividades de observação e de contactos e funcionamento policial, meios e métodos de comunicação e de transmissão no interior do país e para o estrangeiro, codificação e utilização de tintas indeléveis.”¹³

Em outubro de 1968, Camilo Mortágua surgiu com uma nova proposta: montar a base da LUAR nos Pirinéus numa quinta cujos proprietários eram um casal que provinha do Partido Comunista Francês, com o objetivo de formar os novos voluntários que se tinham juntado à organização. Esta base ficou com o nome de código “Caparica”¹⁴. A “Caparica” acabaria por

¹¹ Região de Paris que fica entre os bairros nº5 e nº6, onde existe uma grande concentração de universidades e escolas.

¹² Acabaram por aparecer pessoas recrutadas do Quartier Latin, facto este que Camilo diz que foi sempre contra a sua vontade, e que o levou a assustar-se com o tipo de recrutamento que a LUAR acabava de fazer.

¹³ SANTOS, José Hipólito (2011), Felizmente Houve a LUAR. Âncora Editora. P.115

¹⁴ O acordo que Camilo Mortágua fez com os donos da propriedade em relação ao pagamento por lá estarem estabelecidos incluía duas horas de trabalho por dia na manutenção da quinta e da horta.

ser evacuada cinco meses depois da sua criação, primeiro porque as condições que existiam no campo não eram do agrado de uma grande parte dos voluntários (achando que não deveriam ter de passar por todas aquelas adversidades) e depois também porque não houve um real financiamento e uma ajuda séria por parte do Conselho Superior na manutenção dos operacionais que estavam aí estabelecidos. O facto de uma grande percentagem dos membros se importar mais com a compra de armas para fazer futuras ações do que com a estruturação e organização da LUAR é uma crítica deixada por Camilo Mortágua.

A estrutura que tinha sido criada com a fundação da LUAR não resistiu muito tempo já que, com a influência dos novos grupos que se lhe iam juntando e com o facto de existir uma grande divergência entre os operacionais e aqueles que representavam o lado mais ideológico, a LUAR acabou por se desmembrar, originando uma nova estrutura feita por aqueles que eram considerados os operacionais. Podemos dizer que acaba aqui a fase “Guerreiro” e nasce uma nova fase da LUAR, com Palma Inácio, Camilo Mortágua e António Barracosa, como principais atores da organização.

A Ideologia Política da LUAR

Para abordar a Ideologia Política da LUAR, primeiro temos de entender que a LUAR era a única organização revolucionária que não estava ligada a qualquer partido. Primeiro que tudo temos de definir o conceito de *Ideologia* que “se traduz numa força social à qual corresponde uma doutrina produzida num sistema complexo de causa e efeito”¹⁵.

Camilo Mortágua diz que na LUAR não se perguntava a ideologia política a ninguém. Na perspectiva de Mortágua, “na LUAR havia jogadores de todos os clubes, em que a LUAR era a seleção. Quem estava disposto a bater-se e a sacrificar o pelo jogava na seleção”, mostrando que o que contava realmente era a disponibilidade que cada pessoa demonstrava para correr riscos e bater-se ou não pela causa. Camilo reforça a mensagem que na LUAR a ideologia política existente não era a coisa mais importante, pois era uma organização revolucionária de ação, afirmando que “quanto mais intelectual, menos ativista”. Podemos assim dizer que, embora seja uma ideia primária, a LUAR afirmava-se fundamentalmente contra a ditadura e contra a falta de liberdade, pois, existindo liberdade de opinião, não podia existir violência, ou seja, se o regime não fosse violento em relação aos

¹⁵ LARA, António de Sousa (2011), *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*. Lisboa: ISCSP. P 37

direitos das pessoas, não se justificava a existência de uma ação violenta contra esse regime.

Este fator fazia com que, na sua opinião, houvesse uma abordagem diferente por parte da população à LUAR do que a outras organizações revolucionárias, conseguindo esta ter muito impacto nas pessoas. Porém, no que toca aos partidos e grupos políticos existentes na clandestinidade, o facto de não ter uma linha política bem definida fazia com que se considerasse que a LUAR era constituída por pessoas “primárias”. Não obstante, podemos assumir que durante a existência da “Caparica”, começou pela primeira vez a definir-se um planeamento político e ideológico para a LUAR.

Financiamento

Importante para explicar o financiamento da LUAR é o facto de, como já foi referido, a organização não ter qualquer ligação a partidos ou organizações políticas, não havendo a possibilidade de se conseguir financiar através dos mesmos. Por exemplo uma outra organização, a FAP (Frente de Ação Popular)¹⁶ “contou certamente com o apoio da China para financiar o lançamento da sua organização e de ações armadas, o que requereu, sem dúvida importantes meios”¹⁷. Assim, se a LUAR queria arranjar financiamento, só o poderia fazer de três maneiras:

- Por meios financeiros próprios;
- Entidades privadas ou pessoas ou alguma organização;
- Através de ações.

Antes da *Operação Mondego* não havia qualquer financiamento para a organização. De seguida, em Paris, Palma Inácio, que conhecia alguns portugueses influentes que aí exilados, entrou em contacto com Emídio Guerreiro na tentativa de angariar fundos para que fossem postas em prática ações contra o regime. Passadas várias semanas e sem qualquer resultado prático alcançado, o grupo de revolucionários decidia fazer alguma coisa para conseguir obter financiamento, já que, até então, pelos meios a que tinham recorrido até aí, nada tinham conseguido. É esta a origem da *Operação Mondego*.

O assalto ao Banco de Portugal vai então render 29 274 contos, o equivalente à época a um milhão de dólares (hoje cerca de 8 milhões de euros).

¹⁶ Organização revolucionária, pertencente ao partido comunista.

¹⁷ MARTINS, João Paulo; LOUREIRO, Rui (1980) – “A extrema-esquerda em Portugal.” *História*, nº17, pp.8-23.

No comunicado feito posteriormente foi anunciado que esse montante seria “utilizado no financiamento da organização e preparação do movimento revolucionário que porá termo definitivamente ao despotismo Salazarista”¹⁸. É de realçar que esta foi a primeira vez que uma organização política anunciava e mostrava de onde vinham as suas verbas e assegurava que iria prestar futuramente contas da sua utilização.

Depois de os revolucionários chegarem a Paris, entregaram as verbas a Emídio Guerreiro, já que este, devido à influência que tinha quer em França quer na Europa Ocidental, conseguiria utilizá-lo mais facilmente do que os responsáveis pelo assalto.

O grande problema com que se depararam posteriormente foi que a maior parte do dinheiro, cerca de 24 mil contos, eram notas novas, ou seja nunca tinham entrado em circulação e, passados poucos dias da ocorrência do assalto, o Banco de Portugal comunicou para os Bancos Internacionais os números de série das notas que nunca tinham entrado em circulação, de forma a ser impossível conseguirem trocar o dinheiro. Foi então decidido contactar especialistas financeiros, de forma a conseguir resolver a situação. Assim, Palma Inácio viajou para os Estados Unidos e Camilo Mortágua para Israel, mas nem um nem o outro conseguiram resolver o problema. Também foi logo decidido que os 4700 contos em notas correntes fossem depositados num banco da Suíça.

Camilo Mortágua confessa-nos que a inexperiência foi fulcral para não conseguirem trocar o dinheiro todo, uma vez que, se antes de terem ido para Paris tivessem ido à Suíça trocar logo o dinheiro três dias depois de terem feito o assalto, as autoridades portuguesas ainda não teriam acionada o alerta e, deste modo, teriam conseguido trocar todo o dinheiro.

Um aspeto importante que aqui deve ficar destacado é que, logo à partida, todos os bancos existentes no bloco de leste estavam vetados à LUAR, pois não existiam entidades financeiras que quisessem financiar uma organização revolucionária que não fosse de ideologia comunista, não podendo assim recorrer a estes. Porém, através de um homem de negócios belga, que teria boas relações na RDA (República Democrática Alemã), conseguiram trocar dois mil contos, revertendo-os em dólares americanos. Houve, no entanto, várias tentativas de trocar o dinheiro, em vários pontos da Europa mas, ou a conversão acabou por não acontecer, ou então a polícia Nacional acabou por apanhar o dinheiro.

¹⁸ SANTOS, José Hipólito (2011), Felizmente Houve a LUAR. Âncora Editora. P.188

A maior parte do dinheiro ainda ficou na posse de Emídio Guerreiro, mas os sucessivos acontecimentos e os desentendimentos que surgiram entre Emídio Guerreiro, Camilo Mortágua e Palma Inácio acabaram por fazer com que uma grande parte ficasse na posse de Guerreiro até depois do 25 de Abril, sem que fosse utilizado para qualquer ação.

As suas ações

Ao longo da sua existência, a LUAR realizou oficialmente nove operações, que tiveram lugar entre 1967 e 1972. Algumas delas consideradas uma referência importante no que toca ao combate e à luta antifascista em Portugal, como o Assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz, o assalto ao quartel-general de Évora, a tentativa de ocupação da cidade da Covilhã e a fuga de Palma Inácio da sede da PIDE no Porto.

Em primeiro lugar importa entender a razão pela qual a LUAR conseguia ter tanto sucesso nas suas operações. O primeiro aspeto que devemos considerar é o facto de a LUAR ser pouco ortodoxa em termos de métodos de atuação e de planeamento, o que por vezes era uma vantagem mas também podia ser uma desvantagem. Era uma vantagem, já que o seu *modus operandi* era invulgar, levando a PIDE não a não conseguir perceber bem de que forma é que a LUAR decidia e fazia os seus atos, pois não existia uma metodologia base para tal. Este aspeto distanciava-a da maneira como, por exemplo, o partido comunista elaborava as suas ações, pois tinha uma forma base de atuar, o que fazia com que a PIDE já soubesse em que meios e de que forma é que o PCP (Partido Comunista Português) se movimentava, pondo em causa a atuação dos seus operacionais.

Em termos também do seu *modus operandi*, podemos classificar a LUAR como uma organização de “terrorismo urbano”, já que os atos que esta fazia:

- Tinham como princípio a conquista da população, que depois de ter permanecido passiva em relação aos poderes estabelecidos, devia levantar-se cada vez mais contra eles e acabar por ajudar os terroristas;
- Colocavam em causa os meios adversários, tentando sempre que as forças coercivas do Estado não chegassem a prender os autores dos atentados e, em seguida, fazer com eles se sentissem impotentes perante um inimigo inapreensível;

- Tentavam destruir a organização em que essa sociedade se rege, atacando pontos administrativos e militares que acabariam por ser os grandes inimigos da organização revolucionária¹⁹.

O segundo aspeto que realçamos para conseguir explicar o facto de as ações da LUAR terem um grande êxito é a experiência dos seus operacionais. É de destacar aqui que Palma Inácio já tinha em 1947 sabotado 28 aviões da Força Aérea Portuguesa e em 1961 executara a *operação Vagô* e Camilo Mortágua também tinha participado na mesma operação e antes tinha participado na tomada do pacote Santa Maria. Para além disso, todos os anos que tinham passado na clandestinidade tinham feito com que estes homens soubessem e tivessem uma experiência importante em toda a operacionalização e preparação das ações que decidiam tomar.

Falando mais propriamente nas ações que a LUAR fez, vamos abordar de uma forma mais detalhada a *Operação Mondego*, de forma a demonstrar que a astúcia e os conhecimentos que os operacionais tinham foram preponderantes para realizar a operação.

A *Operação Mondego* foi o assalto feito por Hermínio de Palma Inácio, Camilo Mortágua, António Barracosa, Luís Benvindo, como cabeças, à sede do Banco de Portugal na Figueira da Foz. A *Operação* iniciou-se quando saíram de Paris e entraram clandestinamente em Portugal, já que Palma Inácio tinha por cumprir na altura 17 anos de prisão pela sabotagem dos aviões da Força Aérea e Camilo Mortágua, pelo ataque ao pacote Santa Maria, tinha 18 anos de pena de prisão para cumprir. Apesar disso, conseguiram andar alguns meses clandestinamente por Portugal, correndo o país de Norte a Sul, com o objetivo de escolherem qual seria o melhor sítio para fazer um assalto a uma sede do Banco de Portugal.

Obtiveram então o contacto de um homem que era natural e vivia na Figueira da Foz e que, através de um familiar, sabia que no final do mês, em certos dias, estava no Banco de Portugal da Figueira da Foz dinheiro para transferir para os bancos para pagar salários.

Entretanto, determinaram as funções de cada um: "Palma, fez-se passar por um arqueólogo brasileiro que fora investigar as ruínas romanas de Conímbriga, e com o pretexto de tirar fotografias aéreas da estação arqueológica, conseguira que fosse posta à sua disposição uma avioneta

¹⁹ DELMAS, Claude (1972), "A Guerra Revolucionária". Publicações Europa-América. P81, 82.

destinada a assegurar a fuga.”²⁰. A base aérea que foi escolhida para poder fazer a fuga pelos ares foi o aeródromo de Cernache, que ficava a cerca de 30 km da Figueira da Foz. Por outro lado, Mortágua ficou com a preparação da fuga, tendo de arranjar um sítio ao pé da fronteira entre Portugal e Espanha para conseguir aterrar um avião e arranjar um meio de transporte que os levaria posteriormente de Espanha para Paris. Porém, quando voltou a Portugal, Palma Inácio informou Mortágua que não iria optar por aterrar o avião em Espanha, pois isso era o que as autoridades portuguesas iriam pensar que eles iam fazer, decidindo assim aterrar numa propriedade ao pé de Sagres seguindo depois em automóvel para a fronteira com Espanha, passando-a a pé pela ponte que atravessa o Guadiana, junto a Mértola.

A *Operação* foi desmarcada várias vezes, já que quando chovia não se podia realizar, pois a pista do aeródromo de Cernache era de terra batida, o que tornava impossível a descolagem do avião. Quando isto acontecia, tinham de avisar o dispositivo todo, ou seja, tinham de avisar as pessoas que lhes tinham alugado os carros em Sagres, um homem que eles contrataram para os avisar se havia ou não uma brigada da GNR (Guarda Nacional Republicana) na ponte do rio Guadiana e também as pessoas que eles tinham contactado e que lhes iriam dar os carros para depois chegarem a Paris. Podemos perceber como era muito complicado conseguir estar constantemente a contactar estas pessoas todas e conseguir desmarcar constantemente toda a operação.

Outra operação relevante foi a tomada da Covilhã, com o pressuposto de assaltar as agências bancárias e os postos da PSP (Polícia de Segurança Pública) e da GNR. Esta operação foi pensada pois a LUAR necessitava de financiamento, já que, como foi dito anteriormente, a maior parte do dinheiro da Operação Mondego, não podia ser utilizado. Assim, foi feito um plano estratégico, de reconhecimento de estradas e comunicações da Covilhã, de forma a conseguir cortar as ligações e tomar por completo a cidade. Porém, devido a uma operação stop em que Palma Inácio foi mandado parar e, como não tinha carta de condução, ele e os outros operacionais que estavam no carro acabaram por ser presos, fazendo assim com que toda a operação fosse desmantelada.

Conclusão

Pela análise que fizemos, constatamos que a LUAR conseguia efetivamente fazer as suas ações armadas, devido às qualidades pessoais

²⁰ FERREIRA, João (2010), “Histórias Rocambolescas da História de Portugal”. Esfera dos Livros. P201

e experiência dos seus líderes. Não estava ligada a qualquer partido ou organização política, não tendo uma máquina partidária e ideológica na sua sombra. Assim, não tinham uma maneira padrão de atuarem, levando a uma maior probabilidade de sucesso nas suas ações.

É importante realçar que, embora existissem ameaças evidentes à LUAR e aos seus operacionais, estes nunca abrandaram a sua luta, acabando mesmo alguns por serem presos. Todavia, a sua força de vontade e determinação, foi sempre superior às adversidades que podiam encontrar e às consequências que os seus atos podiam ter.

Acabo assim enaltecendo a importância que a LUAR teve no combate ao Estado Novo, (destacando-se) conseguindo desta forma destacar-se de outras organizações e movimentos revolucionários portugueses, pelas suas operações espetaculares e pelo carisma que os seus operacionais tinham, e também por nunca ter alterado os seus valores, nunca lutando contra, mas sim, sempre, a favor do povo português.

“Chega sempre a hora em que não basta apenas protestar: após a filosofia, a ação é indispensável.” Victor Hugo

Bibliografia

Livros:

ALEGRE, Manuel (2014), País de Abril. Lisboa. Editora D. Quichote.

DELMAS, Claude (1972), A Guerra Revolucionária. Lisboa. Publicações Europa-América.

FERNANDES, Ferreira e Ferreira, João (2010), Frases que fizeram a História de Portugal. Lisboa A esfera dos Livros.

FERREIRA, João (2010), Histórias Rocambolescas da História de Portugal. Lisboa. A Esfera dos Livros

LARA, António de Sousa (2011), Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão. Lisboa: ISCSP

MORTÁGUA, Camilo (2009) – Andanças para a Liberdade, volume1. Lisboa. Âncora Editora

SANTOS, José Hipólito (2011) - Felizmente Houve a LUAR. Lisboa. Âncora Editora.

VAZ, Luís (2012) – Palma Inácio e o Desvio do Avião (1961). Lisboa. Âncora Editora

Artigos em publicações periódicas

MARTINS, João Paulo; LOUREIRO, Rui (1980) – “A extrema-esquerda em Portugal.” *História*, nº17, pp.8-23.

Fontes eletrónicas:

MELO, António (1999) – “O dinheiro da Figueira da Foz.” *Publico*. Disponível em <http://www.publico.pt/sociedade/jornal/o-dinheiro-da-figueira-da-foz-123964>. Data de acesso 20 de novembro de 2015.

Leite, Tiago Barros (2008) – “Emídio Guerreiro”. U.Porto. Disponível em https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustras%20-%20em%C3%ADdio%20guerreiro. Data de acesso 25 de novembro de 2015.

Testemunhos Pessoais:

Entrevista com Camilo Mortágua – realizada em 28 de novembro de 2015

OBSERVATÓRIO POLÍTICO

Rua Almerindo Lessa
Pólo Universitário do Alto da Ajuda,
1349-055 Lisboa
Tel. (00351) 21 361 94 30
geral@observatoriopolitico.pt

Para citar este trabalho/ To quote this paper:

CARRASQUINHO, Duarte. «A luta armada revolucionária em Portugal: Uma História ao LUAR», *Working Paper #74*, Observatório Político, publicado em 25/09/2017, URL: www.observatoriopolitico.pt

Aviso:

Os working papers publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respetivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.